



Magnani, uma carreira de 12 anos.



Em Lua de Cetim, seu melhor trabalho.

Grandes prêmios de interpretação são atribuídos geralmente a atores conhecidos. Não apenas porque sejam famosos, mas porque sendo populares têm acesso mais fácil aos grandes papéis. De tempos em tempos, contudo, essa rotina é saudavelmente alterada, revelando para o grande público novos talentos ou reconhecendo o esforço de carreiras dedicadas e construídas discretamente. Como aconteceu agora com Umberto Magnani, vencedor do Prêmio Mambembe de Teatro por sua interpretação em Lua de Cetim, peça de Aristides Nogueira Pinto.

Magnani, 40 anos, casado há 12 com a atriz Cecília Maciel e pai de três filhos, tornou-se ator profissional há 12 anos, depois de se diplomar, juntamente com sua mulher, pela Escola de Arte Dramática. Sempre foi considerado bom ator, mas sua carreira como intérprete esteve durante todos esses anos obscurecida por uma reputação ainda maior como excelente administrador de companhias de teatro. "Isso acabou por me prejudicar — diz ele. — Primeiro, porque faltam administradores e me solicitavam sempre, e também porque como essa atividade é mais bem remunerada que a de ator, eu era às vezes obrigado a aceitá-la por necessidade de sobrevivência".

Em muitas peças, Umberto acabou fazendo as duas coisas, mas como administrar uma produção é tarefa mais urgente e inadiável do que construir um personagem, no dia da estréia a produção estava pronta mas seu trabalho como intérprete nem sempre. Mesmo assim, e sempre discretamente, ele foi construindo uma carreira. Que, aliás, aconteceu quase que por acaso, sem ser a continuação daquelas vocações infantis ardentemente perseguidas. Nascido no Interior paulista, em Santa Cruz do Rio Pardo, a única aproximação que Umberto teve com o teatro antes de vir para São Paulo, decidido a trabalhar como contador, foi ser Menino Jesus nas festas de Natal de sua infância. Afinal, com a pele muito clara, cabelos louros cacheados e grandes olhos azuis, tinha o físico ideal para o personagem.

Já adulto, ainda em sua cidade, teve uma rápida experiência como locutor de rádio, mas não pretendia continuá-la na capital. O teatro ganhou Umberto numa única noite: quando, nos anos 60, ele foi ao Teatro Oficina, para assistir Pequenos Burgueses, de Górkí, um dos espetáculos mais famosos da história do teatro brasileiro: "Fiquei maravilhado, nunca vira nada parecido. Voltei sozinho várias vezes e logo estava matriculado na Escola de Belas Artes", conta Umberto.

Com isso, o trabalho como contador de uma firma, em horário

Um prêmio para o administrador de teatro: melhor ator.

A fama de bom administrador de teatro sempre escondeu o grande ator Umberto Magnani. Seu talento foi reconhecido agora, ao ganhar o Prêmio Mambembe de Teatro pela brilhante e elogiada atuação em Lua de Cetim.

integral, foi trocado por outro, de caixa de banco, conseguido justamente por sua colega de turma e futura mulher, Cecília. Nos exames finais da EAD em 67, ambos participaram da montagem de Esse Ovo É Um Galo, espetáculo tão bom que a atriz-empresária Ruth Escobar contratou quase toda a equipe para uma remontagem profissional, em janeiro de 68.

Depois disso, Umberto foi para o Teatro de Arena e lá ficou um ano. Esteve em MacBird, a sátira ao governo de Lyndon Johnson feita através do Macbeth de Shakespeare, e em Feira Paulista de Opinião: "Foi um período muito bom, aprendi muito, consegui tirar aquele ranço acadêmico de escola e trabalhei com gente ótima como Etty Fraser, Antônio Fagundes e Renato Consorte".

No ano seguinte, ligou-se a Paulo Autran, como ator e assistente de direção de Morte e Vida Severina, espetáculo que viajou o Brasil inteiro. Ainda com Autran, esteve no famoso Macbeth, com Tônia Carreiro como a Lady (depois substituída por Madalena Nicol) e Fauzi Arap na direção. Um fracasso retumbante, discutido no Brasil inteiro.

A fama de Umberto como administrador começaria logo depois, quando Cleyde Yáconis o chamou para A Capital Federal. "Essa maldita fama começou aí", ele conta. Nessa época esteve também na tevê, na novela Mulheres de Areia. No teatro, havia feito antes Palhaços, de Timochenko Wehbi, numa companhia que fundara com Emílio Di Biasi, e a colagem Um Homem Chamado Shakespeare. Seria ator de Porandubas Populares, um musical, quando a fama de bom administrador interferiu novamente no traba-

lho do ator: foi convidado para administrar a produção de Reveillon, peça de Flávio Márcio que marcaria a primeira ruptura de Regina Duarte com sua adocicada imagem da tevê. Um grande sucesso e o início de uma grande amizade com a atriz. Com Regina ainda faria, acumulando administração e interpretação, Concerto n° 1, de Mauro Chaves, e O Santo Inquirito, de Dias Gomes.

Mocinhos Bandidos, de Fauzi Arap, foi seu passo seguinte, "é uma das melhores coisas que me aconteceu no teatro. Passei oito meses ensaiando com Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli, e esse trabalho resultou num grande crescimento para mim, tanto no plano humano como no da interpretação". Teve uma pausa para o cinema, filmando Chão Bruto com sua amiga Regina Duarte, dirigido por Dionísio Azevedo, e foi outra vez solicitado como administrador para Rasga Coração, a multipremiada peça de Oduvaldo Vianna Filho.

Com Lua de Cetim Umberto tem certeza de ter feito seu melhor trabalho, onde empregou tanto sua experiência profissional como sua vivência. Nessa peça, que cobre 20 anos da vida brasileira, delicadamente entrevistados através de uma família que se desagrega, ele interpreta Guíma, comerciante interiorano de tecidos que disfarça seu fracasso profissional e existencial entre sonhos e copos de bebidas.

— Para mim, o personagem é uma soma de pelo menos 20 pessoas que conheço ou conheci. Numa primeiro etapa do trabalho eu procurei simplesmente imitá-los, procurei seus gestos de fora para dentro até que, automaticamente, senti esse processo se inverter. Já não era eu, um ator fingindo um personagem, mas um personagem verdadeiro que nascia e determinava meu comportamento em cena, comenta Umberto.

Um desempenho elogiado tanto por críticos como por colegas: fato que ele faz questão de ressaltar: — Eu senti essa solidariedade e esse calor nas palmas, nos cumprimentos no camarim, nos telefonemas. O prêmio é um desdobramento disso, muito importante para mim porque é a prova de minha maturidade dentro do teatro. Mas não trabalhei pensando em prêmio, não me concentrei em virtuosismos e sim em servir ao texto, em servir ao espetáculo. Acho que o prêmio é de toda a equipe, pois sem os colegas que contracenaram comigo ou sem a direção de Márcio Aurélio eu não poderia estar tão bem. Além disso, Lua de Cetim foi considerado um dos cinco melhores espetáculos de 81, outra prova de que todos, e não apenas eu, fizeram um bom trabalho.

Edmar Pereira